

Fenomenologia e a arte da descrição no estudo das populações indígenas

Phenomenology and the art of accurate description in the indigenous population studies

Isabel M. C. A. Rodrigues Blaskovsky *
Katia Marly Leite Mendonça **

recebido: 09/2012
aprovado: 02/2013

Resumo:

Este trabalho retoma a discussão sobre o conhecimento, principalmente, mas não exclusivamente, do conhecimento científico, percorre as principais etapas do seu desenvolvimento e analisa as possibilidades da fenomenologia na explicação das questões postas na atualidade para o exame das nomeações e denominações das sociedades indígenas, sobre as quais a maioria os estudos convergem para aspectos históricos, antropológicos, sociológicos e linguísticos. O caminho escolhido envolve apresentar, de forma breve, a epistemologia das ciências e o percurso até a hermenêutica, concentrando-se na fenomenologia de Husserl. Relaciona as características da fenomenologia husserliana com a exigência de se voltar à essência das coisas, descreve as etapas e resalta a arte da descrição precisa. Procura mostrar que as populações indígenas com suas “coisas” devem ser examinadas sob a luz da filosofia, especialmente, da fenomenologia.

Palavras-chave: Fenomenologia, Ciências Sociais, Metodologia, Populações Indígenas.

Abstract

This paper takes up the discussion of knowledge, primarily, but not exclusively, of scientific knowledge, through the main stages of its development and examines the possibilities of phenomenology in explaining the questions posed today to examine the nominations and designations of indigenous

* Doutoranda em Ciências Sociais/Antropologia (PPGCS/UFPA) e Profa. da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA). em@ail: isablask@msn.com

** Pós-doutorado em Ética na Universidad Pontificia Comillas (Madrid/Espanha-2007 e 2010) e Profa. Associada da Universidade Federal do Pará (UFPA) do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais e da Faculdade de Ciências Sociais. em@ail: guadalupelourdes@hotmail.com

societies, on which most studies are historical, anthropological, sociological and linguistic. The chosen path involves presenting briefly the epistemology of science and the route to hermeneutics, focusing on Husserl's phenomenology. Presents the characteristics of Husserlian phenomenology with the requirement to return to the essence of things, describes the steps and highlights the art of precise description. It seeks to show that indigenous peoples with their "things" should be examined in the focus of philosophy, especially phenomenology.

Keywords: Phenomenology, Social Sciences, Methodology, Indigenous Populations.

1. Considerações iniciais: O conhecimento e a filosofia da ciência

O objetivo deste estudo é, em linhas gerais, colocar em discussão a questão do conhecimento principalmente, mas não exclusivamente, do conhecimento científico e analisar as possibilidades da fenomenologia husserliana na explicação das questões filosóficas do que não se “percebe” nas pesquisas sobre as populações indígenas.

Histórica e tradicionalmente o conhecimento tem sido problematizado no âmbito da filosofia, mais especificamente, naquele ramo da filosofia, conhecido como Epistemologia. Recentemente, o problema específico do conhecimento científico tem sido objeto, dentro da filosofia, de uma área de investigação que ficou conhecida como Filosofia da Ciência, a qual é, frequentemente, dividida em filosofia das ciências naturais, das ciências humanas, das ciências lógico-matemáticas, etc.

Mas o conhecimento em geral é o conhecimento científico e, em particular, nas últimas décadas não é o objeto de investigação somente por parte da filosofia. Ramos da própria ciência como a história, a sociologia e a psicologia têm voltado sua atenção para o estudo do conhecimento, em geral, mais

principalmente do conhecimento científico, dando origem a áreas de especialização como história da ciência, sociologia do conhecimento e sociologia da ciência, psicologia do conhecimento, etc.

O estudo do conhecimento, mormente do conhecimento científico pode, portanto, ser dividido em filosófico e científico. Em decorrência da investigação do problema do conhecimento científico, existem, presentemente, várias teorias da ciência, ou teorias do conhecimento científico, que podem ser divididas, em linhas gerais, em teorias filosóficas e teorias científicas da ciência ou do conhecimento.

Em sentido rigoroso, como pesquisa ela própria da natureza científica, a epistemologia é uma disciplina relativamente recente séc. XIX, mas há precisas antecipações da atual problemática: a discussão platônica: episteme e doxa; a doutrina aristotélica da ciência; a teoria do método no renascimento em Francis Bacon, Galileu Galilei e René Descartes; o debate metodológico que acompanha o nascimento e o desenvolvimento da ciência moderna; e a pesquisa gnoseológica desenvolvida por Emmanuel Kant nas obras *Prologomena para qualquer futura metafísica*, *Primeiros princípios de uma ciência da natureza*, e *Crítica da razão pura*.

É no séc. XIX em conexão com as profundas transformações experimentais e conceituais das ciências físicas e lógico-matemáticas, as quais deveriam levar ao estatuto epistemológico de tais disciplinas, que começa o processo de crescimento e de emancipação de uma disciplina especializada, bastante autônoma com relação à gnoseologia ou teoria do conhecimento: a filosofia da ciência.

1.1 A filosofia da ciência como disciplina autônoma em relação à gnoseologia.

As primeiras e fundamentais etapas desse processo de emancipação podem ser identificadas como:

- o conflito entre o apriorismo de William Whewell e o indutivismo de John Stuart Mill;
- o desenvolvimento da assim chamada “nova crítica da ciência” e do convencionalismo francês em Jules Henri Poincaré e Pierre Maurice Marie Duhem;
- a obra de Hermann von Helmholtz e Heinrich Rudolf Hertz na Alemanha e de Ernst Mach e Ludwig Boltzmann na Áustria: crítica do mecanismo, significado das geometrias não-euclidianas, papel da teoria da pesquisa científica;
- definitiva afirmação do método axiomático e hipotético dedutivo no pensamento físico e matemático, debate sobre o fundamento da matemática, com o pleno desenvolvimento da lógica simbólica e o contraste entre o logicismo fregeano-russeliano; enfim, nascimento e desenvolvimento da filosofia da ciência de tipo neo-empirista de M. Schilick, H. Reichenbach, R. Carnap; nela confluem e encontram uma sistematização orgânica: os resultados da reflexão neo-positivista sobre o significado filosófico das fundamentais aquisições científicas; o sistemático emprego das técnicas de análise, da argumentação e exposição ligadas à nova lógica simbólica.

1.2 Filosofia da ciência e empirismo lógico

A partir dos anos 50 a epistemologia neo-empirista foi submetida a uma série concêntrica de críticas, com a consequência do nascimento de endereços epistemológicos diferentes: o falsificacionismo de Karl Popper, a tradição francesa de 900 em Mayerson, Koyré, Bachelard, Gonthier e o grupo da “dialética”, a epistemologia genética de Jean Piaget, a filosofia da linguagem da segunda fase de Ludwig Wittgenstein,

o holismo de Willard Quine, o relativismo de Thomas Kuhn, a metodologia dos programas de pesquisa científica de Imre Lakatos, o anarquismo metodológico de Paul K. Feyerabend, o novo empirismo de M. Hesse, e a epistemologia de Campbell e de Lorenz.

Em consequência de tudo isso, o panorama apresenta-se mais diferenciado e se olha com mais interesse o tema da dinâmica das teorias e do processo do crescimento do conhecimento científico.

1.3 Os campos fundamentais da aplicação da filosofia da ciência

Menos por rigor e antes por comodidade da exposição os campos podem ser distintos em cinco grupos fundamentais:

- a. Problemas relativos à clarificação e precização das noções estruturais do discurso científico. Noções abstratas e gerais de hipóteses ou teoria científica, de lei científica etc.: demarcação entre ciência e pseudo-ciência, por exemplo: a verificação–neo-empirismo e falsificabilidade em Karl Popper.

Na atualidade há a convicção que é difícil traçar uma linha nítida de demarcação entre o discurso científico e o pseudo-científico.

- b. Classificação das diferentes disciplinas científicas e os fundamentos das diferentes ciências: É possível traçar uma distinção entre ciências “formais” (a lógica e a matemática) e as ciências empíricas ou reais, por sua vez distintas entre naturais e humanas? O primeiro problema remonta a Platão: caráter a priori e analítico das ciências formais e caráter a posteriori e sintético das ciências reais, sendo que hoje em dia essa distinção está em crise. Quanto à distinção e diferença metodológica entre ciências da natureza e ciências do homem elas são típicas do historicismo alemão e das

atuais correntes hermenêuticas mas foi emprestada pelos autores que operam para o ideal da unificação das ciências e defendem a substancial unidade do método científico.

Todavia qualquer disciplina científica particular sempre terá problemas epistemológicos particulares: assim teremos uma específica filosofia da lógica, da física, da psicologia, da matemática, etc. As análises das relações entre as diferentes disciplinas e teorias científicas também fazem parte dessa problemática.

- c. A relação teoria-experiência na pesquisa científica. Fazem parte desse grupo de problemas as discussões entre linguagem teórica e linguagem observativa, a natureza do experimento científico e da estrutura lógica da inferência científico-experimental, que as contraposições entre racionalismo e indutivismo. O papel da idealização na construção científica, a formação dos conceitos e das teorias na ciência empírica com a tratção dos problemas de mensuração, classificação, regras de correspondência e dos diferentes tipos de definições.
- d. O processo de desenvolvimento do conhecimento científico e o alcance cognitivo das teorias científicas: Pergunta-se, i.e, se as construções teóricas da ciência devem ser consideradas descrições mais ou menos precisas da efetiva constituição da natureza ou válidos instrumentos intelectuais para organizar as representações mentais da estrutura interna do mundo real.

Juntamente ao tema da estrutura lógica da inferência científica, esses sejam talvez os argumentos em que a filosofia da ciência mantém uma ligação mais imediata com as pesquisas gnoseológicas tradicionais. De fato, o debate sobre o crescimento do conhecimento científico - Popper, Kuhn, Feyerabend, Lakatos - não levou tão somente a uma renovada contraposição a respeito do caráter cumulativo da ciência, mas também a um aceso debate entre os defensores do valor objetivo, absoluto e supra histórico da verdade científica e os defensores da

- natureza relativa das hipóteses e teorias científicas.
- e. Relações entre a ciência de um lado e as outras fontes ou formas da cultura (arte, religião, política, moral etc.), e do outro a organização econômico-social. Fazem parte dessa temática a consideração dos problemas que dizem respeito aos condicionamentos históricos da obra dos cientistas, as implicações sociais da organização e dos resultados do trabalho científico, de maneira mais ampla, a relação entre a atividade científica e o mundo dos valores e da práxis.

2. A fenomenologia - aspectos conceituais

Sob o ponto de vista etimológico Fenomenologia significa “estudo dos fenômenos” sendo fenômeno entendido como “o que aparece”, “o que está claro para a visão”, (Phainómenon – phos: luz). Conceitualmente a fenomenologia vem sendo entendida como uma ciência descritiva da consciência e seus fenômenos. Não se trata de ciência destinada a dar explicações sobre o mundo e as coisas, ou de teorias explicativas que venha se acrescentar às anteriores. É antes de tudo uma mudança de perspectiva na filosofia.

A expressão “fenomenologia” aparece pela primeira vez no século XVIII na escola de Christian Wolff, no Neues Oragnon de Lambert, diretamente ligada à desenvolvimentos análogos populares naquela época, tais como dianologia e alethologia, e significava a própria teoria da ilusão, uma doutrina para evitar as ilusões. Algo parecido aparece em Kant. Em uma carta à Johann Heinrich Lambert, ele escreve: “Isso (a fenomenologia) aparece de um modo bastante particular, como uma disciplina propedêutica que deve preceder a metafísica, onde os valores e limites do princípio da sensibilidade são determinados.” Mais tarde, “fenomenologia” é título da maior obra de Hegel. (...) “Fenomenologia” aparece também nas conferências de Franz Brentano acerca da metafísica. (Heidegger, 2004 p.3).

Como o queria o próprio Husserl é uma direção de nossa atenção que voltando as costas às coisas percebidas, se detém na qualidade de serem percebidas. É o ensaio de uma descrição direta de nossa experiência tal a mesma é, sem nenhuma consideração com sua gênese psicológica e com as explicações causais que o sábio, o historiador ou o sociólogo podem fornecer dela. Trata-se de descrever e não de explicar.

A tarefa inicial da fenomenologia para Husserl é desvencilhar-se do encantamento que faz com que nossa percepção se volte apenas para a análise exterior do objeto, ocorrida no conhecimento comum. O que lhe interessa, fundamentalmente, é o mundo da consciência, o mundo das essências.

2.1 Objetivos e finalidades da fenomenologia

Diretamente relacionadas às preocupações de seu criador, se colocam as finalidades da fenomenologia, as quais situam-se em dois planos distintos: de um lado, a busca de fundamentação objetiva, absoluta, radical para a Filosofia; e, de outro, a análise dos conteúdos da consciência, em termos puros, conforme aí se apresentam; o puramente pensado, o puramente sentido, o essencial, isto é, que interessava conhecer.

O grande objetivo da fenomenologia husserliana será o estudo e a descrição com toda fidelidade, através da intuição, dos fenômenos puros ou abstratos, entendidos estes, como tudo aquilo de que podemos ter consciência. A intuição, por sua vez, entendida como a capacidade intelectual que o homem tem para conhecer certos princípios fundamentais de modo imediato, sem necessidade de intermediários de tipo demonstrativo, por exemplo: cores, som, cheiro, etc.

Englobam-se aqui, portanto, não só os objetivos da

consciência, mas também os próprios atos sejam eles, intelectivos, volitivos ou afetivos. Em suma, é o vivido humano real que se constitui em fonte de interesse para esta doutrina filosófica. Seu grande projeto é atingir a essência do vivido, a essência do pensado e não se orienta pelos fatos, sejam externos ou internos. Volta-se para a realidade da consciência, para os objetos enquanto intencionados por e na consciência, isto é, para as essências ideais (abstratas).

2.2 Características da Fenomenologia

Inúmeros são os aspectos que caracterizam a Fenomenologia dando-lhe feição peculiar e própria que a distingue das demais vertentes filosóficas. Ela não considera os fatos, mas volta-se para os objetos intencionados pela consciência, na busca de sua essência. Tais essências não são simples representações, trata-se de fenômenos, vistos pelos fenomenólogos como tudo aquilo que se manifesta imediatamente na consciência, alcançados por uma intuição, antes de toda e qualquer reflexão ou juízo.

É uma análise que parte de uma concepção de homem como um ser situado capaz de atribuir significados do vivido humano. Não é próprio do espírito fenomenológico se perguntar sob que condições um juízo é verdadeiro. O que lhe interessa é saber qual o significado daquilo que temos no espírito quando julgamos, afirmamos, sonhamos, amamos, vivemos.

O ponto de partida de toda a doutrina fenomenológica é a imediata relação de ser como mundo, mundo este que, fenomenologicamente, é um simples fenômeno, um significado. A consciência é o ponto relevante; enquanto origem de todo significado é também doadora de significado no mundo. Esta consciência intencional é que faz com que o mundo apareça

como fenômeno, que nos permite compreender que o ser no mundo não é mais a sua realidade existencial e sim o seu significado.

A intencionalidade, fio condutor de todas as operações fenomenológicas, coloca em cena uma nova Relação entre sujeito e objeto, entre o pensamento e o ser, constituindo uma ligação onde estes são inseparáveis, e sem a qual nem a consciência, nem o mundo, seriam compreensíveis.

Entre outros, este é um dos pontos considerados importante para a proposta que se insere sobre o estudo das populações indígenas, cujas nomações lhes foram “dadas” e que se conhecida pelas pessoas de fora ou não-índios, não são reconhecidas pelos próprios.

2.3 A consciência é sempre intencional.

Toda consciência é consciência de alguma coisa, ou seja, todos os atos psíquicos visam a um objeto e nunca se processam no vazio. O conceito de intencionalidade faz cair por terra a noção de realidade em si ou de objeto absoluto. A consciência está sempre presente como doadora de sentido, como fonte de significado, ou seja, o mundo se apresenta à consciência e esta intencionalidade lhe dá sentido.

Na perspectiva fenomenológica devemos abandonar todas as premissas, todos os princípios, todos os hábitos de pensar e “voltar às próprias coisas”, como estas se apresentam na sua pureza original. Em outros termos, devemos prescindir do caráter existencial das coisas, voltando nossa atenção para a essência das mesmas.

A atitude do fenomenólogo é “olhar fenomenologicamente” para o mundo em torno, através de uma atitude adomática e puramente descritiva do que é dado

imediatamente à consciência, sendo eliminada a postura do ser que conheça, diante do objeto a ser conhecido.

Uma nova relação é criada onde o que se busca é atingir a essência do fenômeno, a descrição e a análise da consciência para e do que lhe é imediatamente presencial. Através do isolamento e análise, de modo rigoroso, dos elementos apreendidos na consciência, o fenomenólogo esclarece (através desses elementos) as diversas regiões da realidade.

Um elemento capital nesta análise é a intencionalidade, que é inerente à consciência, a qual é sempre consciência de algo sobre o qual se projeta, ou para o qual se orienta. Na intencionalidade, Husserl (1972) distingue um aspecto subjetivo constituído pelos atos psíquicos enquanto tal, chamado de “noesis”, e outro aspecto objetivo, que é o produto da atividade cognascente do sujeito em relação ao objeto, que é chamado de “noema”. Nesse “continuum” é que se processará a busca de sentido do fenômeno, e mais do que tudo, a sua essência.

2.4 Etapas do método fenomenológico

Olhar fenomenologicamente para o mundo livre de influência de teses, hipóteses, etc.

Definir a região da investigação fenomenológica - um fenômeno em particular, através da intuição e da pré-compreensão.

Colocar a realidade entre parênteses, suspendendo as crenças, juízos e suposições sobre o fenômeno, para vê-lo em sua forma original em sua forma pura.

Atingir a região das essências do fenômeno, o seu núcleo essencial, através da redução eidética, que é o ponto crucial da redução fenomenológica. Através da técnica da variação imaginária dos aspectos acidentais do fenômeno, chega-se então

aquele ponto objetivo, radical, absoluto, ao “eidos”, enfim, tão buscado pela Fenomenologia.

A atitude implícita nestas operações, coerentemente com as finalidades e objetivos da Fenomenologia, é a descrição compreensiva do fenômeno. O que se visa com tal atitude é descrever o fenômeno procurando, pouco a pouco, que seu conteúdo essencial se desvele para a consciência, chegando-se assim, a essência. Trata-se, portanto, de descrever o fenômeno como o percebemos, com o significado que tem para nós.

Interpretação como complemento da descrição compreensiva, é uma operação de fundamental importância, pois amplia os ângulos de visualização do fenômeno e abre a possibilidade da compreensão pluralista de seu sentido.

Paul Ricoeur considerou que nenhuma interpretação sozinha, pode ser considerada exclusivamente como a única válida, sob o risco de haver dominação e desrespeito ao pluralismo.

3. A importância da fenomenologia para a compreensão das “coisas” indígenas

Uma forma alternativa de buscar-se o conhecimento de modo diferente daquele comum às ciências naturais positivistas baseadas na metodologia experimental é a apresentada pela fenomenologia, que significa o discurso sobre aquilo que se mostra como é (phenomenon + logos).

A partir deste entendimento, neste estudo preliminar, apresentamos o percebido “nós” e “os outros” dos povos indígenas, trazendo como exemplo os etnônimos de povos indígenas Xavante, Xokleng, Wai-Wai e Suruí, e como os brancos ou não-índios os designaram por palavras, muitas vezes de caráter pejorativo, que se popularizaram mas, que hoje

entendemos que deve ser melhor investigado porque não se inscreve exatamente numa alteridade /eu e o outro/ já mais estudada (CASTRO, 1996) e neste aspecto, propomos verificar a fenomenologia com suas características auxilia descrever e examinar estas nomeações frente as autodenominações.

O povo indígena xavante vive em terras do leste do Mato Grosso e desde o contato com colonizadores, como informa Laura Graham, recebeu o etnônimo xavante que passou a ser usado pelos não-índios para identificá-los, entretanto, autodenominam-se A'Uwe ("gente") ou A'uwê Uptabi ("gente verdadeira") e sua língua é chamada *akwén*. Nota-se que não há o "eu".

Os xokleng, povo indígena originário do Brasil meridional, atualmente vive em terras do sul do Brasil, recebeu dos colonizadores o etnônimo de xokleng que significa aranha. Sua autodenominação foi desconsiderada na maioria dos estudos e a jornalista Aline Assumpção num ensaio de 2006, vai retomá-la e faz uma analogia com o romance de José Saramago, Todos os Nomes, esclarece que somente ao encerrar sua pesquisa "Longe da aldeia, diante das fotos, e já depois de se pôr o sol, é que fui saber o seu nome: Laklanõ, a gente do sol". Ficamos assim sabendo que os xokleng internamente se autodenominam laklanõ.

O povo suruí do sudeste do Pará foi chamado de sororós em 1923 pelo Frei Antonio Salas e décadas depois o Frei Gil Gomes, os chamou de suruí, que é a denominação mais utilizada pelos não-índios. Aryon Dall'Igna Rodrigues, em 1961, identificou a palavra *Akwáwa* como sendo a autodenominação do grupo, mas a antropóloga Iara Ferraz considera mais apropriado o termo Aikewara, que é o termo atualmente adotado. (ISA, 2013)

O povo mebêngokrê é mais conhecido como kayapó, que significa "semelhantes aos macacos", um etnônimo dado provavelmente devido a um ritual no qual os homens kayapó,

paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Embora, sendo chamados de Kayapó eles se autodenominam mebêngôkre "os homens do buraco/lugar d'água". (ISA, 2013)

Ao exame dos estudos etnográficos das sociedades indígenas deparamo-nos claramente com a indissociação entre “eu e o nós” na forma como individuo se apresenta e isto pode ser observado pelos substantivos que pelos quais se autodenominam, já comentados, que são termos amplos, gerais, como: gente, povo, humanos verdadeiros, etc.

Pode residir aí uma possibilidade de explorar a dimensão filosófica e interpretativa da antropologia através de fenomenologia de Husserl, que procura abordar o fenômeno, aquilo que se manifesta a si mesmo, de modo que não o parcializa ou o explica a partir de conceitos prévios, de crenças ou de afirmações sobre o mesmo, enfim, de um referencial teórico. Ela tem a intenção de abordá-lo diretamente, interrogando-o, tentando descrevê-lo e procurando captar a sua essência.

Como um método de pesquisa, a fenomenologia é uma forma radical de pensar. Ela parte, necessariamente, de caminhos conhecidos de se fazerem as coisas, desafia os pressupostos aceitos e busca estabelecer uma nova perspectiva para ver o fenômeno.

O fenômeno é aquilo que se oferece ao olhar intelectual, à observação pura. Ao estudar o fenômeno ou o que se manifesta em si mesmo, a fenomenologia procura ir às próprias coisas. (Husserl, 1900, p. 43).

A questão que se coloca, então, é como ir a essas coisas.

Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nos aprendemos o que é uma

floresta, um prado ou um riacho. Este movimento é absolutamente distinto do retorno idealista à consciência, e a exigência de uma descrição pura exclui tanto o procedimento da análise reflexiva quanto o da explicação científica. (Merleau-Ponty, 2006 {1945} p.4).

Primeiramente, a fenomenologia parte do “dado”, do que é radicalmente empírico, no sentido de que aquilo com o que se lida, de início, é o que deve ser tomado para ser vivido. A fenomenologia serve como fundamentação racional das tentativas para compreender os indivíduos entrando no seu campo de percepção para ver a vida como eles a veem.

O primeiro movimento da fenomenologia é contornar e evitar as espécies de pré definições ou de pré-conceitos sobre o “dado”. Aqui parece residir um paradoxo da fenomenologia que estaria contido no fato de que ela não inicia o seu inquérito em pressupostos ou com hipóteses, ela necessita de uma idéia geral concernente ao que olhar e ao como olhar o fenômeno. Este paradoxo constitui o que em fenomenologia se denomina de “círculo hermenêutico”, mas que de início será chamado de “interpretação dialética”.

A dialética da interpretação produz necessariamente uma distância entre o “dado”, o que está aí diante dos olhos, mostrando-se de modo evidente, e a observação. O “dado”, quando olhado, mostra-se de tal modo que estabelece uma direção para o inquérito. Essa direção aponta para a coisa mesma, isto é, para o fenomenal que se apresenta para a experiência como fenômeno. Portanto, nesse primeiro momento de investigação fenomenológica, ver a coisa mesma adquire um significado especial. O olhar cuidadoso precede qualquer classificação e sistematização, os quais só se tornam possíveis de ser entendidas quando o fenômeno se mostra.

Esse olhar se constitui na “epoché”, que significa suspensão de qualquer julgamento, o que só será possível mediante mudança radical na nossa atitude. Essa mudança

consiste essencialmente em evitar a afirmação ou o reconhecimento da realidade e em assumir a atitude de “espectador”, interessado apenas em se aperceber da essência dos atos através dos quais a consciência se reporta à realidade ou a significa. A consciência constitui o “resíduo fenomenológico”, isto é, aquilo que se mantém depois da “epoché”.

O ato de colocar em suspensão o “dado”, a “epoché”, para que este “dado” possa ser olhado fenomenologicamente, juntamente com a redução fenomenológica, que se refere à descrição do que se vê, é chamado de princípio hermenêutico. Ambos, “epoché” e redução fenomenológica fornecem a forma ou o foco da indagação. No seu sentido mais amplo, hermenêutica quer dizer interpretação, a qual é absolutamente livre, mas segue determinada forma.

Desse modo, a primeira coisa que se propõe para a investigação fenomenológica é a direção para a região do inquerito, ou seja: ir “às – coisas – mesmas” significa que o campo de inquerito é infinito e que inclui as possibilidades dos fenômenos, quando elas se doam à experiência.

Esta direcionalidade da consciência do investigador para as – coisas – que – se – doam à experiência só é possível quando se tomam tais coisas como doações ou possibilidades de doações para a experiência. Isso quer dizer que o olhar atento pode se dirigir para qualquer coisa ao nosso redor (tanto para os objetos percebidos através do sentido, como para aqueles imaginados, lembrados, etc.), mas, para o fenomenólogo as coisas só podem ser olhadas de modo atento quando elas surgem na experiência de pessoa que as vê.

Um segundo aspecto desse inquerito, é a ‘presença’ daquilo que é buscado para o ser que experiência o olhar fenomenal. O fenômeno de ‘surgir’, ou seja, da doação ou do aparecimento daquilo que é buscado, é certo, verdadeiro ou apodíctico. Ser apodíctico significa o que está presente se

mostra de tal forma presente na experiência, que aquele que experiência não duvida da presença evidenciada. A evidência dessa presença é intuída, o que quer dizer que aquilo que é dado ou aceito como evidência deve ser de fato possível de ser experienciado dentro dos limites do humano e relacionado com esse humano que experiência.

Um terceiro aspecto da interpretação dialética ou hermenêutica, é a não hierarquização prévia dos fenômenos, pois não é possível assumir-se uma hierarquia de “realidades”. Na sua forma original, a redução fenomenológica pede uma “suspensão”, ou uma “epoché”, das crenças ou dos predicados. Esse momento dá ênfase no olhar e não ao julgar o que é “real” ou “mais real” até que se possa chegar à evidência. Isso significa que se deve ficar alerta e procurar ver o fenômeno observado a partir da sua própria realidade e não a partir dos conceitos, de crenças e de predicados que veiculam sobre ele.

Esse momento do fazer fenomenológico é de extrema importância. Ele funciona como uma extensão da regra inclusão-exclusão da descrição. Na inclusão encontram-se todos os fenômenos da experiência. Na exclusão estão todos os julgamentos metafísicos e os da realidade, os quais se encontram em suspensão. O ato de descrever o fenômeno, por sua vez, exige um cuidado muito especial, pois é preciso que se procure identificar o fenômeno que está sendo descrito sem que se imponha algo sobre ele, bem como, sem concluir nada sobre ele, apressadamente.

Estes três momentos: o olhar atento para o ‘mostrar-se’ do fenômeno, o descrever-se o fenômeno, fundamentam uma investigação fenomenológica e indicam como ela deve ser iniciada num primeiro nível, a partir do qual é possível caminhar-se para um segundo nível, na busca dos aspectos essenciais do fenômeno. Esses podem ser referidos como aspectos estruturais ou como os invariantes dentro do mostrar-se do fenômeno e permitem que se veja a própria realidade

procurada.

Considerações Finais

Neste trabalho procuramos mostrar as concepções da epistemologia das ciências e as linhas gerais do desenvolvimento da fenomenologia de Husserl e do método fenomenológico, o qual, por meio da intencionalidade da consciência, revela uma nova relação entre sujeito e objeto, entre o pensamento e o ser, uma ligação essencial onde eles são inseparáveis e sem a qual nem a consciência nem o mundo seriam alcançáveis. Por intencionalidade da consciência Husserl entende que “toda consciência é consciência de algo”. Não há objeto sem sujeito, nem sujeito sem objeto. O fato primeiro e irreduzível é a correlação entre um sujeito que se refere a um objeto e um objeto ao qual o sujeito se refere.

Como contribuição para o debate trouxemos a fenomenologia que com a sua exigência da “descrição precisa” oferece infinitas possibilidades de análise, também, em relação às ciências sociais, e, assim, vem se constituindo num importante viés para os estudos e pesquisas antropológicos, especialmente, sobre as populações indígenas e tradicionais.

A preocupação foi apresentar os etnônimos dos povos indígenas que lhes foram dados desde os primeiros contatos e que se popularizou, e como estes sujeitos se autodenominam, cabendo ressaltar que os significados parecem sugerir o “coletivo” e não o indivíduo, o que pode ser percebido em “laklanô = gente do sol” ou “mebengokrê = gente verdadeira” dos kayapós, entre outros.

Reconhecemos que o tema precisa ser melhor explorado teoricamente e esperamos ter conseguido lançar algumas questões iniciais para o seu desenvolvimento.

Referências:

- ARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* Trad. Maria José G. de Almeida: São Paulo. Ed. Moraes. 1992.
- CASTRO, E. V. *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.* Mana, 2 (2), Rio de Janeiro: Contra Capa, pp. 115-144, 1996.
- Enciclopédia Mirador Internacional. *Fenomenologia.* São Paulo/Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. (vol. 09, pp. 4543-4546). 1982.
- FRAGATA, J. *A fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia.* Braga: Livraria Cruz. 1959.
- FREUD, S. *Projeto de uma nova psicologia.* São Paulo. Ed. Imago, 1995.
- GRAHAM, L. Xavante. Instituto Socio Ambiental. *Povos Indígenas no Brasil.* <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/print>, Acessado em: 06/02/2013.
- Heidegger, M. *Ser e tempo.* Parte I. 13 ed. e Parte II 11ed. M. S. C. Schuback, Trad. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco. 2004.
- HUSSERL, E. *Ideas I - General Introduction to pure Phenomenology,* New York: Collins Books, p. 155 - 165. [1972 (1913)].
_____. *Conferências de Paris.* Lisboa: Edições 70. 1900.
- LARAIA, R. B. Verbete Aikewara. Fonte: Instituto Socioambiental | *Povos Indígenas no Brasil.* Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/aikewara/print>. Acessado em: 07/05/2013.
- MERLEAU-PONTY, M. *Ciências do homem e fenomenologia.* Trad. Salma Tannus Muchail: São Paulo. Ed. Saraiva, 1972.
_____. *Fenomenologia da percepção.* São Paulo: Martins Fontes. 2006.
- PEIRANO, M. *A alteridade em contexto: antropologia como ciência social no Brasil.* Série Antropologia 255. Brasília, UnB: 35 pp. 1999.
- RICOEUR, P. Mon premier maître en philosophie. In: LENA, Marguerite (dir.), *Honneur aux maîtres.* Paris, Critérios, pp. 221-225. 1991.
- SARTRE, J. *O existencialismo é um humanismo; a imaginação; questão de método.* 3a ed. São Paulo: Nova Cultural. 1987.